



Comunicação de
Pesquisa

Estrabão

Vol. (4): 483 - 491

© Autores

DOI: 10.53455/re.v4i1.187



Recebido em: 10/08/2023

Publicado em: 22/12/2023

Cartografia do sensível: Os mapas mentais como linguagem no processo de representação espacial

Sensory cartography: Mind maps as language in the process of spatial representation

Vinicius Albuquerque de Lima^{1A}, Alexandra Luize Spironello, Rosangela Lurdes Spironello

Resumo:

Contexto: O presente resumo se refere à aplicação de uma oficina itinerante para alunos da graduação em Geografia, dos cursos de bacharelado e licenciatura da Universidade Federal de Pelotas- UFPel, na IX Semana Acadêmica da Geografia UFPel: Trajetórias e Conexões e VII Mostra e Seminário PIBID Geografia. O objetivo da oficina foi elucidar os diferentes usos da cartografia, com ênfase na utilização de mapas mentais como linguagem. **Metodologia:** Dentre as diferentes linguagens presentes em sala de aula, reconhecendo a dificuldade dos alunos e futuros professores com a cartografia, escolhemos abordar os mapas mentais. O uso dessa linguagem permitiu instigar o pensar e a representação dos diferentes espaços, através das múltiplas características presentes nos mais diversos usos dos mapas mentais, como os sentidos. **Considerações:** Como resultado, a presente proposta trouxe elementos importantes que contribuem para o conhecimento e apropriação da cartografia no cotidiano dos sujeitos, por meio do uso de mapas mentais como ferramenta cartográfica. Essa abordagem auxilia no processo de ensino e aprendizagem de Geografia.

Palavras-Chave: Cartografia; Mapas Mentais; Formação inicial de professores; Oficina itinerante

Abstract

Context: This summary refers to the application of a traveling workshop for undergraduate Geography students, from the Bachelor's and Teaching courses at the Federal University of Pelotas - UFPel, at the IX Academic Week of Geography UFPel: Trajectories and Connections and VII Exhibition and Seminar PIBID Geography. The objective of the workshop was to elucidate the different uses of cartography, with an emphasis on the use of mind maps as a language. **Methodology:** Among the different languages present in the classroom, recognizing the difficulty of students and future teachers with cartography, we chose to approach mind maps. The use of this language allowed to instigate thinking and representation of different spaces, through the multiple characteristics present in the various uses of mind maps, such as senses. **Considerations:** As a result, this proposal brought important elements that contribute to the knowledge and appropriation of cartography in everyday life, through the use of mind maps as a cartographic tool. This approach assists in the teaching and learning process of Geography.

Keywords: Cartography; Mind maps; Teachers' Undergraduate Training; Itinerant workshop

¹ - Graduando em Licenciatura em Geografia Universidade Federal de Pelotas- UFPel

A - Contato principal: viniciusalbuquerquealima@gmail.com

Introdução

As oficinas itinerantes podem ser concebidas como importantes ferramentas para a execução das práticas pedagógicas, mediante observações e demandas trazidas, seja pela sociedade ou comunidade escolar, possibilitando o desenvolvimento do conhecimento didático do conteúdo (Shulman, 2005)¹. Compreende-se ainda que, o propósito basilar que envolve as oficinas itinerantes é a elaboração de propostas pedagógicas, em que as quais possam circular nos mais diversos ambientes de ensino, formais ou não formais.

É nesse contexto que as práticas desenvolvidas por intermédio das oficinas itinerantes se comunicam com a formação inicial de professores, contribuindo para o entendimento de unicidade entre teoria e prática. Pensando nessa perspectiva que temáticas voltadas ao ensino de Geografia, ao serem trabalhadas no contexto da sala de aula por exemplo, necessitam de estratégias que mobilizem o pensamento e o senso de criticidade dos sujeitos.

Logo, a Cartografia Escolar como metodologia de ensino, se torna importante nesse processo de formação. E realizar oficinas itinerantes, tendo os mapas mentais como uma das linguagens, faz com que se consiga aproximar os conhecimentos científicos, por sua vez, geográficos, aos conhecimentos e realidade dos alunos, em que esses alunos poderão, por meio da representação do espaço observado, registrar as percepções, sensações e o vivido.

É importante ressaltar que, essa temática surgiu a partir do debate e discussões no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência- PIBID, na área da Geografia da Universidade Federal de Pelotas- UFPel e realizada, em um primeiro momento, com os alunos do 6º ano do ensino fundamental, do Instituto Estadual de Educação Assis Brasil- Pelotas, escola parceira do programa.

No intuito de aprofundar o conhecimento acerca da metodologia baseada em Kozel (2009) e a necessidade de pensar em estratégias de ensino e aprendizagem, voltadas ao ensino de Geografia e a Cartografia Escolar, na formação inicial de professores, buscou-se reestruturar a proposta a qual foi desenvolvida com os alunos de graduação. Sendo assim, a oficina itinerante teve como título: Geografia dos sentidos: uso de mapas mentais como recurso didático.

Partindo desse pressuposto, a oficina teve como objetivo, elucidar os diferentes usos de mapas mentais como linguagem no processo de ensino e aprendizagem em Geografia. Pretendeu-se com isso, que os alunos da graduação pudessem reconhecer os diferentes tipos de representações cartográficas e seus usos no ensino de Geografia. Paralelo a isso, utilizou-se do mapa sensível proposto por Kozel (2009), para trabalhar os sentidos e percepções a partir da mobilização do olfato, da visão e audição. Esta proposta foi aplicada durante a IX Semana Acadêmica da Geografia e VII Mostra e Seminário PIBID Geografia - UFPel, que ocorreu no mês de junho de 2023.

Por fim, destacamos que a contribuição das oficinas itinerantes no processo de construção do conhecimento, de acordo com Spironello, Dias e Silva (2022, p. 3) “perpassa pela apropriação/significado que os conceitos estruturantes ou basilares da Geografia assumem no contexto de formação dos sujeitos”. Nessa perspectiva, a escolha pela aplicação da oficina aos alunos da formação inicial, prepara o futuro docente a ter o olhar sensível perante as atividades executadas em sala de aula, visto que é na formação inicial que se aprende a pensar e compreender a ciência geográfica, bem como seu objeto de estudo e análise.

Percurso Metodológico

O percurso metodológico de aplicação da oficina itinerante se iniciou com a adaptação da oficina itinerante “O meu lugar na escola: identidade e pertencimento no âmbito escolar”. Esta oficina foi desenvolvida pelos pibidianos da Geografia - UFPel, com os alunos do 6º ano do ensino fundamental, em uma escola estadual do município de Pelotas.

A adaptação se deu como forma de aprofundar as questões metodológicas sobre o uso dos mapas mentais como recurso didático, identificando aspectos importantes que fazem parte da construção dos mesmos, bem como a utilização de elementos que expressam o sentido, o significado e o significante.

1 O conhecimento didático do conteúdo se refere à interação entre saberes específicos determinada área, nesse caso, a Geografia, com saberes pedagógicos.

A oficina intitulada “Geografia dos sentidos: uso de mapas mentais como recurso didático”, foi aplicada pelos pibidianos durante a IX Semana Acadêmica da Geografia UFPel e VII Mostra e Seminário PIBID Geografia, a qual teve uma oferta de 25 (vinte e cinco) vagas, com a duração de 4 (quatro) horas. Para aplicação da presente oficina, buscou-se embasamento teórico-metodológico em Kozel (2009), a qual utiliza do mapa mental como ferramenta para mapeamento sensível de trajetos feitos no dia a dia, com ênfase nas percepções olfativas, visuais e auditivas.

Assim sendo, os procedimentos metodológicos de aplicação da oficina, foram esquematizados e divididos em 4 (quatro) etapas, sendo:

1) Apresentação dos pibidianos e dos participantes da oficina: na primeira etapa, o grupo de pibidianos fez uma breve apresentação individual e de contextualização da temática da oficina, bem como dos seus objetivos. Em seguida, houve a apresentação dos demais participantes da oficina. Esse momento de apresentação foi proposto com o intuito de fazer uma sondagem prévia, reconhecendo o semestre em que cada participante estava cursando. Dessa forma, a presente sondagem se fez importante para que osicineiros pudessem ter o olhar sensível de abordagem do conteúdo que contemplasse todos os alunos, indiferente do semestre letivo.

2) Reconhecimento e identificação das produções cartográficas: nessa etapa, foram realizadas duas dinâmicas, que tinham como propósito o reconhecimento e identificação de produtos cartográficos. Em ambas as dinâmicas, foi utilizado como recurso, apresentações em *powerpoint*. A primeira atividade consistiu em caracterizar as imagens que foram reproduzidas no *powerpoint*, entre mapa, desenho ou arte. As imagens apresentadas continham alguma ligação com elementos da cartografia, tais como a demarcação de territórios, disposição de linhas de metrô e pinturas de organização espacial de cidades antigas.

A segunda dinâmica, por sua vez, tratou-se de um jogo de adivinhação. O jogo integrava dicas referentes a sete tipos de representações, sendo elas: imagem de satélite, mapa, carta, croqui, planta, cartograma e mapa mental. Os participantes foram divididos em três grupos, onde deveriam discutir as dicas apresentadas e entrar em um consenso, a fim de adivinhar a representação cartográfica.

3) Uso de mapas mentais como recurso didático: como forma de introduzir o uso de mapas mentais como linguagem, utilizou-se de apresentação em *powerpoint*. Primeiramente, fez-se a distinção entre mapa conceitual e mapa mental, visto que comumente são confundidos. Dessa forma, foi apresentada características e especificidades do mapa mental, bem como imagens que retratam as diferentes formas de utilização dessa linguagem. Diante disso, a proposta do mapa sensível de Kozel foi apresentada ao grupo, ressaltando elementos importantes relacionados às percepções olfativas, percepções visuais e sonoras.

Assim sendo, como parte prática, a oficina propôs aos participantes a confecção do mapa sensível de Kozel (2009), onde os mesmos deveriam mapear o caminho que percorrem de casa até a universidade. Nesse percurso, elementos correspondentes às percepções sensitivas (olfativa, sonora e visual) seriam utilizados como forma de representar o trajeto. Para a confecção do mapa sensível, foram colocados à disposição materiais como: folha sulfite, lápis, lápis de cor, canetinhas hidrossolúveis, borracha e régua. De modo a discutir a subjetividade presente nos mapas, foi proposto aos participantes a socialização dos mapas produzidos.

4) Demonstração de prática educativa: nessa última etapa, fez-se a demonstração da prática educativa realizada com alunos do 6º ano, em uma escola estadual do município de Pelotas. A escolha pela demonstração da atividade executada, teve como objetivo mostrar aos participantes, a aplicabilidade de uma mesma metodologia -mapa sensível de Kozel- a partir das devidas adaptações.

Ao final da oficina, foi proposto aos participantes um espaço para *feedback*, aberto para dúvidas e compartilhamentos sobre a experiência durante a oficina.

Resultados e discussão

Os mapas mentais estão ancorados, de acordo com Kozel (2009), na representação fenomenológica do espaço vivido. Dessa forma, é por meio do uso do mapa mental como linguagem, que a representação do espaço vivido se faz presente, com suas marcas, experiências e saberes, traduzidos pelos signos ali inseridos. Os signos, por sua vez, são resultantes de um processo de construção social, podendo ser classificados de acordo com as três esferas de percepções, como mencionado anteriormente.

Nesse viés, os mapas mentais podem ser considerados como aportes preciosos para o “fazer pedagógico”,

sobretudo por oferecerem aos estudantes a interlocução como atores sociais e produtores do espaço geográfico (Kozel, 2009). Nesse sentido, os elementos presentes nos mapas mentais, são baseados na organização espacial e elementos socioculturais do mundo real.

Para o desenvolvimento da oficina tivemos como grupo de participantes, vinte e quatro alunos da graduação de licenciatura e bacharelado em Geografia da UFPel, um aluno do curso de licenciatura em História, contendo a sua grande maioria de dezesseis alunos do primeiro e terceiro semestre do curso.

Essa composição diversa de participantes, fez com que surgisse a necessidade de trabalhar os conceitos como lugar, topofilia e topofobia, bem como, noções de produtos cartográficos, em específico os mapas mentais. Essa construção estreitou diálogo com autores que concebem o lugar como espaço de vivência e de relações do indivíduo com o meio, tendo como embasamento, as fontes de Tuan (1980) e Cavalcanti (2019). Acerca das produções cartográficas e da Cartografia Escolar, buscou-se base em Martinelli (2002), Richter; Bueno (2013) e Richter; Marin; Decanini (2010).

Adentrando as conceituações do projeto, o conceito de lugar compõe toda a proposta, concebido como escala de análise, a partir de uma visão humanística buscamos compreender as relações que ocorrem na escola local, contendo os mapas mentais como ferramenta, para que assim pudéssemos interpretar, as experiências dos mesmos, com os distintos espaços de Pelotas.

Ainda referente aos estudos do conceito de lugar, Castellar (2019, p. 126) complementa que, “o objetivo é entender as razões históricas, sociais, subjetivas que levaram os processos, os fenômenos a se estruturarem de determinada maneira onde se estruturaram”. Nessa perspectiva é possível evidenciar a construção histórica e social, dos diferentes lugares, assim como o caráter individual, das relações existentes, na vivência, leitura e representações dos mapas mentais, considerando os distintos lugares.

Durante o processo de aplicação da oficina pode-se perceber que os alunos demonstraram interesse acerca dos conceitos trabalhados, participando da oficina de maneira ativa. Dessa forma, estabelecemos um momento de troca de experiências valiosas, que contribuíram para que os alunos pudessem compreender as dinâmicas da oficina de maneira natural.

Concomitantemente, após a confecção dos mapas mentais, fizemos a digitalização de todas as representações, resultando em um total de 22 produtos cartográficos. Há ainda que considerar que todos foram balizados na metodologia da Kozel (2009), utilizando “cores e formas” para “os signos escolhidos para representar percepções vividas no trajeto”, assim como círculos para referenciar os espaços de maiores “inter-relações dialógicas estabelecidas”.

Com a legenda dividida em três classes, olfativas, sonoras e visuais, foram exploradas as linguagens de comunicação visual, utilizando das percepções de cada indivíduo. De tal forma, percebe-se como cada participante representa/idealiza os diferentes espaços no trajeto de casa até o Campus II, em que se encontra todas as aulas do curso de licenciatura e bacharelado de Geografia da UFPel.

Para análise dos mapas, alguns elementos foram destacados, como: a fidelidade ao espaço representado, o simbolismo e as percepções olfativa, sonora e visual. Fundamentado na relação significado e significante, explorando dessa forma, os diferentes significados para os signos utilizados pelos participantes, nos mapas mentais elaborados.

Referente a figura 1, podemos perceber a divisão clara da legenda, com as três classes sensitivas, de acordo com Kozel (2009), e uma classe geral. A composição dos signos na legenda assume cores variadas, bem como o formato dos mesmos. Na classe composta pelo traçado da rua, pela igreja do Porto, casa e ICH Campus II, nos permite aferir, que os signos, trazem características das simbologias por ideogramas. Destaca-se ainda que, a igreja, casa e Campus II, podem ser consideradas centralidades, contendo os signos com suas especificidades.

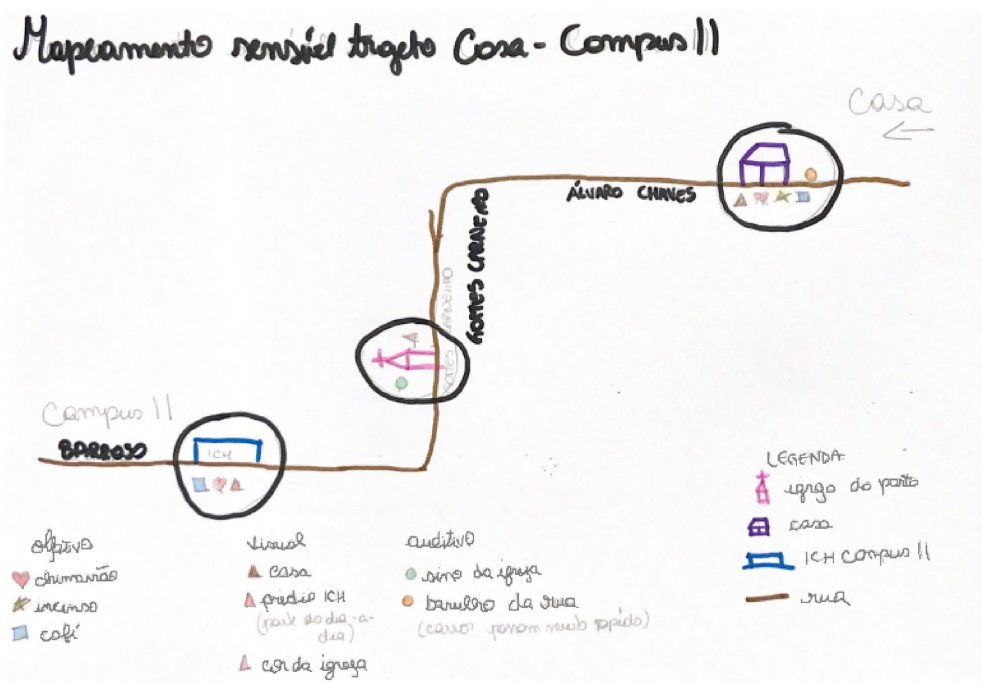


Figura 1: os autores (2023)

No que diz respeito às classes sensitivas, chama-nos a atenção sobre a percepção olfativa em relação ao prédio do Campus II. Nele há o registro do cheiro de café e chimarrão como elementos importantes da sua percepção olfativa. Na igreja não se tem o registro de elementos olfativos. Já na casa, tem-se o somatório das percepções como: cheiro de café, chimarrão e incenso.

Com relação à percepção visual, tem-se identificado na classe como prédio ICH - Instituto de Ciências Humanas. Já na igreja percebe-se como elemento marcante, a presença da cor rosa, cor esta que de fato assemelha-se à cor real do objeto representado. Sobre a casa, tem-se somente a designação do símbolo com a cor marrom, para a identificação, contudo, diferenciando-se do ideograma desenhado em que consta a cor roxa.

Em relação a percepção sonora, destaca-se a presença do sino na igreja e do barulho na rua próximo a casa da aluna.

A figura 2, reflete um trajeto maior de deslocamento no centro de Pelotas, desde o ponto de partida até o ponto de chegada. Pode-se perceber que o aluno parte de casa, até o ponto de ônibus, o qual percorre o caminho, passando pela praça Coronel Pedro Osório, Restaurante Universitário (RU), Bar Esquina até chegar no Campus II. Na representação é possível perceber três círculos demarcados pelo mapeador, denotando a importância que estes espaços possuem na sua cotidianidade.

Para a elaboração do mapa mental, o aluno utilizou de diferentes cores e formas para identificar os signos, assim como optou por linhas tracejadas para representar as ruas, com exceção da Avenida Duque de Caxias e Rua Lobo da Costa.

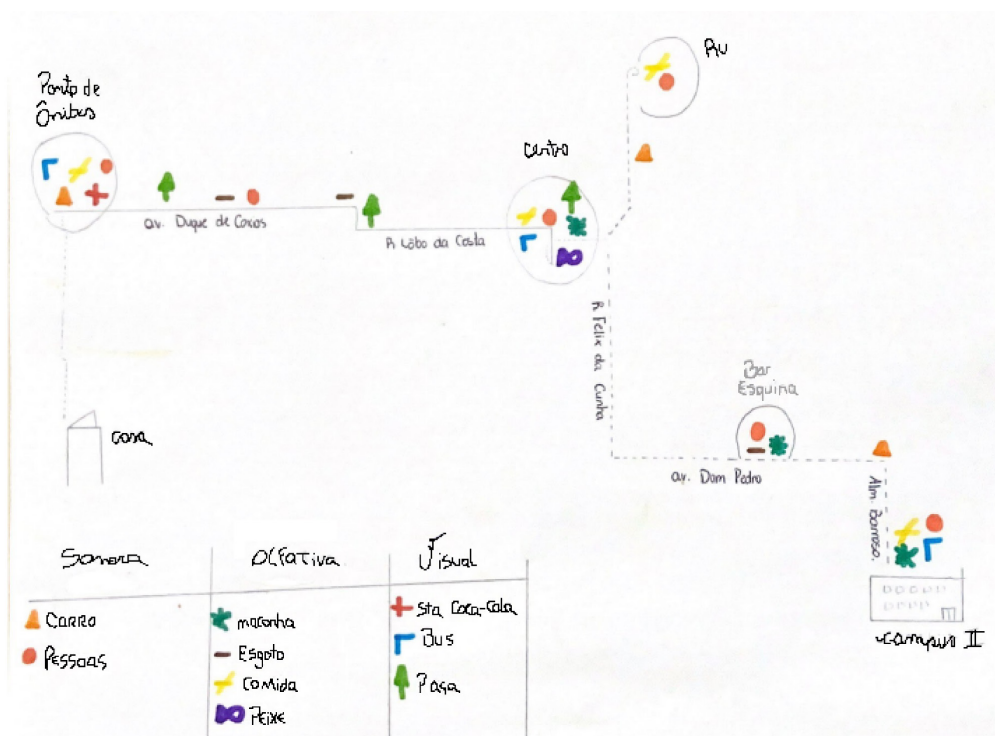


Figura 2: os autores (2023)

A respeito da percepção visual, identifica-se a presença dos Pontos de Ônibus, de Praças e da engarrafadora de refrigerante Coca-Cola. Observa-se que o aluno, ao desenhar os símbolos, buscou utilizar a cor verde para representar as praças, o azul para representar os pontos de ônibus e o marrom para sinalizar a localização da empresa, designando como nome para a classe de “sta coca-cola”.

Referente à percepção sonora, ressalta-se o grande movimento de carros, no Ponto de Ônibus e nas ruas próximas ao Restaurante Universitário (RU) e Campus II do ICH. Observa-se também, o signo relacionado a pessoas nas centralidades do Ponto de Ônibus, Centro, RU, Bar Esquina e no Campus II do ICH, dando a entender que há incidência de barulho e conversa. Essas percepções têm relação com o fluxo urbano, face à proximidade do horário das aulas (período noturno) e ao fim de expediente de trabalho, que por sua vez, têm maior movimentação no horário entre 18h e 19h.

Em relação à percepção olfativa, o aluno ao desenhar os símbolos, definiu o roxo para peixe, amarelo para comida, marrom para esgoto e verde para maconha. Numa percepção geral, chama-nos a atenção os signos atribuídos ao Centro. Nele, podemos destacar o cheiro de peixe, face a presença do Mercado Público Central. Tem-se o registro de cheiro de comida nas localidades referentes ao Ponto de Ônibus, Centro, RU, e no Campus II. A percepção olfativa relacionada ao signo definido como maconha, é registrada no Centro, no Bar Esquina e no Campus II. Outro aspecto identificado e registrado pelo aluno, referente à percepção olfativa, deve-se ao esgoto, o qual aparece na avenida Duque de Caxias e na avenida Dom Pedro, junto à centralidade do Bar Esquina.

Dando sequência, a figura 3 apresenta elementos e atribuições da metodologia da Kozel (2009), com representação de maneira generalizada. As classes são objetivas e o mapa mental não traz detalhes mais aprofundados. Contudo, consideramos interessante trazer para a análise, visto que representa um trajeto entre cidades. Nesta representação é possível perceber que houve a necessidade de realizar algumas generalizações para que o trajeto pudesse ser representado na folha A4. No mapa mental, o participante representa o trajeto com mudança de orientação, ora a rodovia/rua está em uma direção, ora em outra. É importante ressaltar, -de acordo com o relato do mesmo, em conversa informal com os oficineiros-, que o trajeto percorrido pelo participante, na realidade, é praticamente linear, na maior parte do trajeto.

Referente a utilização dos signos, observa-se no mapa mental, que o participante distribui de forma homogênea as diferentes percepções ao longo do trajeto. Dessa forma, o participante insere o símbolo na cor marrom, referente ao trajeto na BR 392. Nesse sentido, após a confecção do mapa mental, o participante descreveu suas percepções aos pibidianos, de forma a contribuir para a análise do mapa.

Com relação às percepções visuais, o participante menciona que por ser um trajeto longo, elementos como a mudança altimétrica do relevo tornam-se marcantes. Assim, ele destaca que seu município tem o relevo com maior sinuosidade e, à medida que se aproxima de Pelotas, percebe-se o relevo de planície. Ainda, observa-se a atribuição dos elementos visuais na chegada à cidade de Pelotas, marcado pela rótula que dá acesso à um macroatacado, pela rótula de acesso à rodoviária, rótula de supermercado, respectivamente, em decorrência do fluxo intenso de veículos.

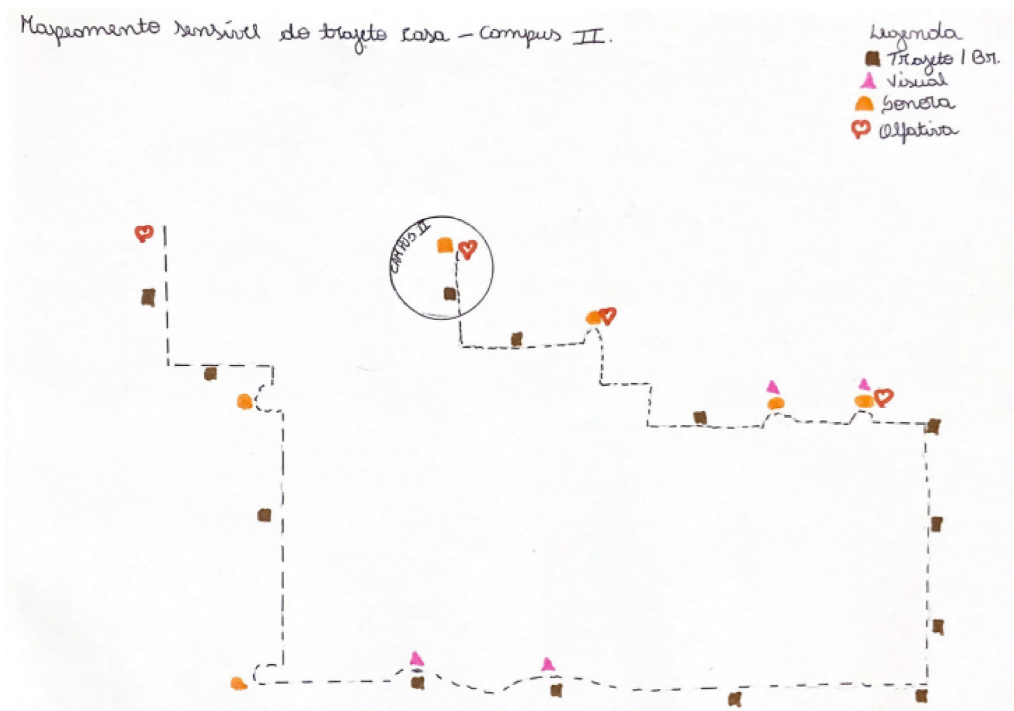


Figura 3: os autores (2023)

Nesse viés, é observado no decorrer do percurso, a presença de elementos relacionados à percepção sonora nos cruzamentos e/ou rótulas, relacionado a barulhos automotivos, tais como motores e buzinas. O elemento sonoro também se faz presente na centralidade do Campus II, levando em consideração o barulho de conversas e o trânsito de veículos.

Enquanto à percepção olfativa, o uso do símbolo coração está atrelado ao cheiro de comida. No entanto, percebe-se que há a utilização deste símbolo no local de partida, na rótula do macroatacado, rótula do supermercado e na centralidade do Campus II. Com relação ao símbolo próximo ao macroatacado, o participante destaca a presença de um restaurante próximo ao mesmo. Nas proximidades da rótula de acesso ao supermercado e do Campus II, a percepção olfativa está relacionada à comercialização de comidas, bem como a presença de padarias.

Após analisar os produtos cartográficos elaborados na oficina, percebemos que todos souberam usar das percepções sensoriais para representar os seus mapas mentais. Contudo, foi notado que uma pequena parcela, não fez a divisão na legenda, entre olfativo, visual e sonora misturando as percepções, o que pode tornar não tão claro a sua leitura.

Considerações

É no contexto do ensino e aprendizagem de Geografia que compreendemos a importância de pensar o uso dos mapas mentais de maneira crítica, uma vez que temos de estar alinhados aos estudos teóricos e metodológicos da cartografia e da Geografia escolar. No mesmo sentido, vale ressaltar que os educandos durante sua formação escolar estabelecem inúmeras relações, uma vez que, sua capacidade motora e mental é desenvolvida nesse processo. Logo, compreendemos que, o estímulo a atividades que desenvolvam essas capacidades e que proporcionem leituras de mundo, juntamente da compreensão das localidades pertencentes

ao aluno é fundamental.

Como resultado da aplicação, podemos afirmar que atendemos aos objetivos da proposta. Por meio dos diálogos e mapas mentais elaborados, foi possível identificar nos produtos cartográficos os diferentes usos da cartografia, expressando a utilização do mapa mental, como recurso didático, passível de ser utilizado de diferentes formas.

Dessa forma, foi constatado a partir dos mapas mentais, como se dá a relação entre indivíduo e espaço, percebendo como áreas comuns, têm diferentes olhares, acentuado por um caráter social do indivíduo. A título de exemplo, tem-se o Campus II, como espaço comum e que reflete sensações e percepções de acordo com a relação de pertencimento que o aluno estabelece com o mesmo.

Tomando nota dos mapas mentais produzidos, pode-se perceber a aplicabilidade e o reconhecimento dos alunos, para com os diferentes usos da cartografia, com destaque para a cartografia social. Há que se frisar, que a metodologia da Kozel (2009) se mostrou eficaz durante a aplicação, visto que aproximou os alunos da cartografia, utilizando-se da linguagem cartográfica, por meio dos seus códigos, cores, símbolos e generalizações.

Por fim, podemos afirmar que o uso dos mapas mentais, colaboram por expor as diferentes dimensões e percepções humanas sobre a realidade, trazendo os aspectos da vida cotidiana dos sujeitos, para, assim por meio do conhecimento e apropriação da cartografia serem confeccionados em um formato de linguagem visual, discutindo sobre as diferentes manifestações sociais e naturais que se alteram conforme nos movimentamos no espaço.

Créditos:

Vinicius Albuquerque de Lima: Conceituação, Investigação e Redação – rascunho original

Alexandra Luize Spironello: Conceituação, Investigação, Metodologia e Redação – rascunho original

Rosangela Lurdes Spironello: Administração do projeto, Redação – revisão e edição

Referências

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. (1998) *Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia. 3º e 4º ciclos*. [National Curriculum Parameters: Geography. 3rd and 4th cycles] MEC/SEF.

Cavalcanti, L. S. (2019). *Pensar pela Geografia: ensino e relevância social* (1 ed.) [Thinking through Geography: teaching and social relevance] C&A Alfa Comunicação. DOI - doi.org/10.22456/1982-0003.108012.

Kozel, S. *As linguagens do cotidiano como representações do espaço: uma proposta metodológica possível*. (2009) [Everyday languages as representations of space: a possible methodological proposal]. 12º Encuentro de geógrafos de américa latina: caminando en una américa latina en transformación, Montevideo.

Richter, D. (2011) *O mapa mental no ensino de geografia: concepções e propostas para o trabalho docente* [The mental map in the teaching of geography: conceptions and proposals for the teaching work]. Cultura Acadêmica. ISBN 978-85-7983-227-7.

SHULMAN, L. S. (2005) *Conocimiento y enseñanza: fundamentos de la nueva reforma* [Knowledge and teaching: foundations of the new reform] Profesorado. Revista de currículum y formación del profesorado, v. 9, n. 2, p. 1-30.

Simielli, M. E. R. (2007). *O mapa como meio de comunicação e a alfabetização cartográfica* [The map as a means of communication and cartographic literacy] In: Almeida, R. D. (org) *Cartografia escolar*. (ed 2., pp 71-94) [School cartography] Contexto, ISBN 978-85-7244-374-6.

Spironello, R. L et al. (2022) *Oficinas itinerantes do PIBID Geografia UFPel durante a pandemia da*

Covid-19: relato de experiência [Itinerant workshops of PIBID Geography UFPel during the Covid-19 pandemic: experience report] *Diversitas Journal*, v. 7, n. 4, p. 2897-2911. [dx.doi.org/10.48017/dj.v7i4.2170](https://doi.org/10.48017/dj.v7i4.2170).

Tuan, Y. (1980) *Topofilia - um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente* [Topophilia - a study of the perception, attitudes and values of the environment]. EDIPE Artes Gráficas.